

ITÁLIA, CAFÉ E TRILHOS

histórias da família Biasoli



Vitor Biasoli



©2022, Vitor Biasoli
Título: Itália, Café e Trilhos: histórias da família Biasoli
Autor: Vitor Biasoli
Organização e supervisão editorial: Márcio Grings
Capa, curadoria de imagens e arte-final: Giovani Faganello
Projeto gráfico do miolo: Tagiane Mai
Revisão: Aylton Fontes
Foto do autor: Leonardo Brasiliense
Fotos usadas na capa: acervo da família Biasoli; Tim Mossholder,
Janko Ferlic e Francesco Ungaro (*unsplash.com*);
Big Oak Inc (*bigoakinc.com*)

1ª Edição: janeiro, 2022
Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti, Santa Maria, RS
Editoração: Memorabilia Books (*memorabiliastore.com.br*)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Biasoli, Vitor
Itália, café e trilhos : histórias da família
Biasoli / Vitor Biasoli. -- Santa Maria, RS :
Grings - Memorabilia e Tours, 2021.

ISBN 978-65-993645-6-3

1. Família Biasoli 2. Famílias - História - Brasil
3. Imigração - Itália - História 4. Memórias I. Título.

21-95945

CDD-929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Imigrantes italianos : Família : Histórias 929.2
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos autorais pertencem a Vitor Biasoli. Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma, maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua parte ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem a autorização legal e por escrito do autor (*vbiasoli@gmail.com*).

Sumário



Introdução	7
I • Histórias de família se perdem	11
II • Tesouro debaixo do colchão	19
III • Matriz rústica e pobre	25
IV • Namoro no cafezal	29
V • De lavrador a engenheiro prático	35
VI • Herdeiros do Império Romano	43
VII • Sombras de Mussolini	47
VIII • Quem não trabalha, não come	55
IX • Nem socialismo nem anarquismo	61
X • Não aguento mais	67
XI • Fazer a América	73
XII • Política, assunto perigoso	79
XIII • Suicídio na Rua Uruguai	85
XIV • Viagens, travessias	89
XV • Caixinha de papelão envelhecido	95
XVI • Os soldadinhos dos condottieri	101
XVII • Nem tudo é agonia	107
XVIII • Matriz camponesa	113

Introdução



Este é um pequeno livro desses tempos de pandemia. Um dia estou em casa, em pleno início do isolamento social, recebo uma ligação da Lica, minha cunhada, e converso com ela e meu irmão Rubinho por um longo tempo. Entre os tantos assuntos, uma provocação me calou fundo: a de contar a história dos Biasoli.

O resultado é este conjunto de dezoito textos, pensados em forma de crônicas, que intitulei *Itália, café e trilhos: histórias da família Biasoli*. Textos pensados para registrar o pouco que sei a respeito dos meus avós paternos, que vieram da Itália no final do século XIX, como tantos outros italianos que por aqui aportaram.

Grato, Lica. Só assim para eu puxar as lembranças do fundo do baú e organizá-las num texto escrito. Talvez ajude nossos filhos a saber um pouco mais a respeito dos seus bisavós e avós. Foi pensando neles que engatei esta prosa.

Vitor Biasoli

A foto de capa foi o Rubinho que encontrou:
a vó Santa e o vô Vittorio Biasoli, provavelmente
em São Paulo, sem data definida. As fotos no
corpo do texto são minhas.

Vitor Biasoli

Santa Maria/RS, janeiro de 2022.



Histórias de família se perdem



Histórias de família se perdem. Netos e bisnetos, por exemplo, raramente sabem a trajetória dos seus avós e bisavós. Eu pouco sei. Meu avô paterno morreu quando eu tinha 4 anos de idade; meu pai, quando eu tinha 22. Hoje, aos 66 anos, às vezes embaralho as histórias contadas por ele relativas aos meus avós paternos.

Meus avós paternos vieram da Itália no final do século XIX e se conheceram em São Paulo, numa fazenda de café. O vô era do norte, da região do Vêneto, da cidade de Adria. A vó era do sul, no entanto eu nunca soube de qual localidade. Calábria? Uma vez ouvi alguém especular a respeito.

Ambos trabalharam em fazendas de café, no estado de São Paulo, o destino da maioria dos imigrantes italianos que chegavam ao Brasil

no final do século XIX e início do XX. Mão de obra barata para substituir o trabalho escravo. Segundo um fazendeiro paulista, 1/3 mais barata que a de um escravo.

O vô chegou em agosto de 1888. Tinha catorze anos. Desembarcou no porto de Santos, subiu de trem até a cidade de São Paulo e ficou hospedado na Hospedaria do Imigrante. Vinha com o pai, a mãe e uma irmã de três anos de idade.



Hospedaria do Imigrante, em São Paulo (2016).

A família passou alguns dias na Hospedaria e deslocou-se para Sorocaba para trabalhar numa propriedade da família Prestes.

Uma tia contou que a família do meu avô se espantou ao saber que as casas onde moravam os imigrantes, na fazenda, foram moradia de negros. Negros escravos. A figura do negro tinha alguma coisa de pavorosa para eles. Provavelmente, a escravidão também — extinta meses antes de eles se estabelecerem em Sorocaba.

Tempos atrás, eu visitei uma fazenda de café paulista — Fazenda Santa Maria do Monjoliño, em São Carlos — e conheci as tais senzalas reformadas para receber as famílias italianas. As senzalas eram divididas em “apartamentos” de dois quartos, sala e cozinha, um padrão de habitação possivelmente inferior à moradia dos camponeses no Vêneto.

Faço essa comparação lembrando as casas dos pastorinhos de Fátima, em Portugal. Essas moradias de simples camponeses portugueses da década de 1910 estão preservada (visitei-as em 2012) e imagino-as semelhantes às dos cam-

poneses italianos do final do XIX. Casas de paredes de pedra, com assoalho de madeira, tudo muito rústico, contudo visivelmente superior a uma senzala reformada, de paredes de tijolos e assoalho de chão batido.



Antiga senzala da Fazenda Santa Maria do Monjolinho, em São Carlos (2016).

O pai contava histórias de sua família vivendo da terra, na Itália, numa pequena propriedade rural, que não dava para grande coisa, mas ga-

rantiu os estudos e a alfabetização do avô. Um dia, ele jogou um tinteiro no professor e foi expulso da escola.



Interior da senzala, reformada para receber os imigrantes (2016). O assoalho de tijolo foi colocado muito depois, segundo a guia da fazenda.

Esse último caso o pai falou no final de um almoço de domingo, enquanto nós dois terminávamos o vinho. Meus dois irmãos já tinham saído da mesa, a mãe retirava os pratos e, às

vezes, fazia um comentário, acrescentava um detalhe.

O vô fora expulso da escola e obrigado a trabalhar. Um dos serviços fora o de servente de obra na construção de pontes em Veneza — não muito distante de Adria.

Uma das funções do avô era carregar pregos ou parafusos para os operários colocarem nas vigas de ferro da constituição das pontes. O pai contava isso como se fosse um caso engraçado. Um dia, o tio Victor se referiu ao mesmo episódio e o tom era o mesmo: o de um caso divertido.

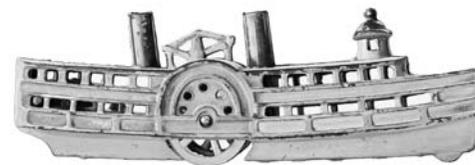
O cômico, para eles, talvez fosse imaginar o velho Vittorio (esse era o nome do meu avô), então um menino de 10 ou 12 anos, carregando pregos ou parafusos por meio de uma espécie de pinça e cuidando para não cair. As peças tinha sido aquecidas, estavam muito quentes, e precisavam chegar desse jeito até o operário que as esperava para colocar entre as vigas de ferro.

— O velho tinha que se equilibrar na ponte em construção — dizia meu pai — e cuidar para

não se queimar nem deixar a peça cair.

A graça estava aí: o velho, então um menino, passando um perrengue danado. Equilibrando-se numa ponte em construção, “piando fino” — expressão que meu pai gostava de usar para se referir a alguém passando por uma situação difícil. Adulto, Vittorio se tornou um homem severo, exigente, deu surras homéricas (de cinta) nos filhos.

Histórias de família se perdem. Quando lembradas, são servidas em porções pequenas, mudam de feitio ao sabor do vento.



II

Tesouro debaixo do colchão



Geralmente, os descendentes de imigrantes italianos, esses que vieram durante o período imperial e o início da República, com uma mão na frente e outra atrás, são muito orgulhosos da sua origem. Eu não fujo à regra.

O pai contava que a vó lia revistas em italiano (possivelmente editadas no Brasil antes da política de nacionalização de Vargas) e as guardava debaixo do colchão. Ela gostava muito de canto lírico, acompanhava a vida das cantoras de ópera, a trajetória das grandes companhias — entretanto não lia em português.

— Só foi alfabetizada em italiano — o pai explicava.

— Chegou no Brasil mocinha — me disse uma tia. — Já tinha frequentado a escola e não iria assistir aula novamente.

Mas fiquei com a impressão de que, na verda-



de, ela não quis aprofundar o seu conhecimento da língua portuguesa. Falava a língua falada no Brasil e pronto. Leitura era outra coisa. Pra isso, existia o italiano.

Quando Vargas implantou o Estado Novo, a política de nacionalização e, especialmente, quando declarou guerra ao Eixo, em 1942, ela passou a esconder as revistas debaixo do colchão e não se tocava no assunto. A edição de jornais e revistas em italiano, em São Paulo, Caxias, Porto Alegre, foi proibida e não pegava bem andar com esse material. O sujeito encontrado com revistas em italiano poderia ser considerado um quinta-coluna e ter de dar explicações ao delegado.

Em alguns lugares, italianos e descendentes foram presos porque falavam ou cantavam em italiano — muitas vezes em dialeto, no caso das colônias do Rio Grande do Sul. O vô e a vô, nessa época (do Estado Novo, da Segunda Guerra Mundial), moravam em Pelotas e não sei de italianos ou descendentes terem sido presos na cidade.

Em agosto de 1942 (em resposta aos afundamentos de navios brasileiros por submarinos alemães na costa do Nordeste), ocorreram depredações de lojas, hotéis e residências de italianos e alemães em várias cidades brasileiras — inclusive em Pelotas. Meu pai nunca falou nisso. Tampouco nenhum dos meus tios ou tias tocou no assunto — e isso que eles eram catorze (meu pai era o caçula, o décimo quarto). Deve ter sido um acontecimento marcante para todos eles.

Pelo que o pai contava, a vô nunca mais tirou as revistas debaixo do colchão. Aquilo era um tesouro, o mundo que a fazia sonhar (suposição minha). E um tesouro (o mundo operístico) que o pai me ajudou a apreciar.

Lembro dele escutando *La Traviata* ao lado da eletrola, os olhos marejados, e acho que não era só a música de Verdi que o emocionava. Era a lembrança da mãe (minha vô).

— Ela gostava muito — ele me disse certa vez, quando me pegou escutando um disco com trechos de *Aída*. Um disco de uma coleção de banca de revista que ainda guardo em algum lugar.

No ano passado, assisti *La Traviata* em Roma (no Salone Margherita) e lembrei disso tudo. Era um teatro de poltronas vermelhas, próximo à Piazza di Spagna, com cantores e músicos muito bons. A produção seguia o padrão tradicional: os cantores-atores com roupas de época e nenhuma modernização de cenário ou outra coisa. Espetáculo pra turista não botar defeito.



Salone Margherita. Roma, outubro de 2019.



Interior do Salone Margherita.

Lembrei do pai, da mãe e também da vó paterna que não conheci. Os três adorariam estar ali. Estranhamente, o vô não fez parte dessa memória.

— Era um homem duro — a mãe disse várias vezes. O pai nunca se referia a ele ao falarmos sobre o interesse da vó por cantoras líricas e espetáculos operísticos (que ela só conhecia do rádio e das revistas, provavelmente).

Depois do espetáculo terminar, saí caminhando pelo centro histórico de Roma e fui dando voltas até a Fontana di Trevi. As ruas praticamente vazias naquela hora da noite.

Descendentes de imigrantes italianos geralmente são assim: sentem-se orgulhosos da sua origem. E acham, mesmo que seus avós tenham vindo com uma mão na frente e outra atrás, que eles têm alguma vinculação com o grande mundo italiano, sua história, sua arte e sua música.

Um tesouro que guardamos com carinho — alguns de nós, debaixo do colchão; outros, escancarando de modo desavergonhado e fazendo crônicas a respeito.

